ONTOLOGIA ESPÍRITA: FILOSOFIA ESPÍRITA DA EXISTÊNCIA

NEMER DA SILVA AHMAD

**RESUMO**

A Filosofia Espírita da existência encontra-se inserida nas filosofias metafísicas que compreendem o homem como sendo composto de corpo e alma. Isso trás toda uma mudança na concepção do existir, cuja finalidade é o crescimento do mundo em que o *em si* transita preparando-se para o encontro com o *para si.* Com a filosofia espírita da existência a angústia é substituída pela felicidade humana, trazendo toda uma mudança de paradigma para o homem, que compreende o objetivo de sua trajetória. Enfim com a Filosofia Espírita da Existência é todo um mundo que se abre ao homem que não mais é um Ser jogado ao mundo em sua angústia e sim um projeto que se realiza para a felicidade. A partir dos conceitos do existencialismo a filosofia espírita busca compreender o Ser como algo que se realizada através várias existências ou intermúndios, trazendo no em si mesmo toda uma herança de experiências pretéritas, sem que isso anule a sua liberdade de escolhas, diferindo do existencialismo exatamente nessa compreensão, qual seja, que o Ser existe antes, durante e depois de experenciar na existência, ou seja, na filosofia espírita a essência precede a existência

pALAvras-chave:

Existencialismo, Filosofia Espírita, Essência e Existência.

# INTRODUÇÃO

A Filosofia espírita retratada pelas obras de Allan Kardec, surgida no ano de 1857, na França de Sartre, assevera a existência humana para além do fenômeno morte, trazendo-nos conceitos de extrapolam a filosofia metafísica tradicional face ao estudo da mediunidade, da possibilidade de comunicação entre dos dois planos existenciais: o físico e o espiritual ou transcendental. Já a filosofia tradicional, notadamente a corrente existencialista com Sartre e Kiekeegard, compreende a existência humana como uma angústia, como um esforço inócuo do homem em superar-se a si próprio porquanto após o evento morte a sua existência se completa e também se extingue.

A conhecida assertiva “a existência precede a essência” conceito esse que não encontra espaço para a filosofia espírita da existência não é capaz de trazer ao homem moderno uma posição confortável para o enfrentamento dos desafios da contemporaneidade haja vista os grandes conflitos internos que assolam os seres humanos em sua trajetória existencial. Por outro lado, a filosofia espírita, com sua concepção corpo-alma e vidas sucessivas (interexistentes) fornece uma argumentação aberta, mas com lógica, acerca da trajetória humana na existência, dando subsídios fundamentados na razão, para uma melhor compreensão dos problemas a que está exposto o homem atual, quais sejam: os conflitos existenciais de uma sociedade em processo de mudanças conceituais e procedimentais para a busca de algo – a felicidade humana-.

A motivação do presente texto aponta para a distinção entre a compreensão do Ser no existencialismo e na ontologia espírita. Naquele o Ser é apenas jogado no mundo para, através de suas escolhas ir realizando-se no correr do sua existência sem tomar conhecimento de algo que lhe precede e que pode dar sentido a sua própria existência. O que é apenas angústia existencial para o existencialismo, é compreendido de modo diverso com a ontologia espírita, porque toda a trajetória a ser percorrida pelo Ser na existência é precedida de algo – Deus- que dá sentido e preenche a angústia humana no momento em que, mesmo mantendo, como no existencialismo, a liberdade de escolha, elas são precedidas de algo que lhe dá sentido, capaz de preencher a angústia que só existe porque não se cogita desse algo preexistente, que a filosofia espírita nomina Deus e que Aristóteles cunhou de Primeiro Motor.

Por esse modo de compreender o Ser não há espaço para o nada, para o vazio, porque o Ser não está jogado no mundo, com suas escolhas, ele é um projeto em que suas escolhas apenas o direcionam para um determinado campo de ação, para um determinado efeito que não inicial no berço e também não acabam no túmulo, porque estamos a frente de um ser interexistente, não apenas existente como o compreende o existencialismo. Dessa forma o presente trabalho busca ofertar a filosofia espírita da existência com escopo de uma compreensão mais abrangente do ser e consequentemente diminuir os já saturados conflitos humanos existenciais, que tantos malefícios trás ao homem e ao mundo que o acolhe.

1. **SARTRE E O EXISTENCIALISMO**

Para Sartre o Ser não é uma relação consigo mesmo, ele não se compreende a si mesmo porque necessita de uma negação para existir. Essa concepção Sartreana conduz ao entendimento que o sujeito, o homem, que ocupou toda sua obra, tem como fundamento o NADA, ou seja, após toda sua trajetória o homem encontra apenas o vazio existencial. Eu só existo porque primeiro eu nego a mim mesmo e somente após essa negação e passo a existir em relação ao outro que não sou eu, ou seja, com relação a mim mesmo eu não existo. Isso se dá porque o NADA no existencialismo parte de uma indagação pelo ser, ou seja, de uma afirmação que conclui por uma negação - não-ser – que é, para Sartre, a morte, a nadificação do homem. Pergunto pelo ser e encontro uma negação, o não-ser, porque o homem já não mais existe enquanto ser no mundo, ele se negou a si próprio.

A negação do existencialismo Sartreano não é colocada como causa e sim como consequência porque a consciência e o corpo constituem um todo, inexistindo uma consciência destacada do corpo. O *em si* representa o corpo, o *para si* a consciência que ao mesmo tempo significa o *nada* já que inexiste uma consciência apartada do próprio corpo. O existencialismo compreende apenas a realidade concreta do homem, o *em si* que é constituído pelo seu corpo, sua maneira de existir, de ser no mundo. A natureza humana não é nada porque todo o mundo perceptível está fora dela, ao seu redor, portanto ela é apenas uma negação, o NADA. Como isso se dá? Pela diferenciação entre mim e as coisas. Somente sou algo pela negação do que não sou, em relação ao outra coisa. Vejo esse computador, sei que não sou ele, logo sou.

Portanto, para o *em si* (corpo) existir ele tem que retirar-se do *para si* (consciência) para poder observá-lo, quando isso acontece o *em si* inexiste para que o *para si* possa existir e também o *para si* deixa de existir porque teve que se negar a si próprio. Isso acontece porque *em si* e o *para si* são um todo e para. Portanto, para o *para si* existir ele tem que negar a si próprio. Dessa forma o homem é simples movimento que se projeta na existência para algo que nunca vai existir, porque o *para si* quando se destaca do *em si* é apenas uma negação. A única possibilidade do homem durante sua existência e desfrutar de sua liberdade, que não é completa já que todo o seu esforço em realizar-se acaba no nada, quando o *para si* nega-se a si próprio*.*

O Existencialismo, compreendendo que *a existência precede a essência,* conclui que o único ser que *existente* – *que é* - é o homem, os demais apenas *são.* Isso porque os primeiros são livres, possuem a liberdade de escolhas, e isso lhe confere a possibilidade de existir porque escolher é existir, os demais por não possuir a faculdade de escolhas, que é uma condição de existir, apenas são, porque impossibilitados de se realizarem na existência. A realização de sua existência, que é a condição de existir, através de suas escolhas, caracteriza-se por uma forma egoísta de existir, porque homem somente existe quando faz a si mesmo, característica central do existencialismo Sartreano. A este respeito “ O Homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (SARTRE *apud* Marques, 1987, p.6)

Como o homem é responsável somente por si mesmo inexiste uma natureza humana comum a todos os seres humanos existentes. A natureza humana é negada no existencialismo. Subjetivamente, cada ser se realiza por si próprio sem uma unidade universal que os caracteriza. A negação de uma natureza humana comum a todos os seres existentes, originada da posição egoísta do existencialismo, dá azo a angústia que se instala no próprio homem, que simplesmente é *jogado* no mundo para, a partir de si próprio, realizar-se nesse mesmo mundo.

Esse humanismo alija completamente a possibilidade da existência de algo para além do homem, no próprio homem, que é apenas escolha e liberdade. Assim, o próprio homem jogado ao mundo é legislador de si mesmo. Ao colocar o homem como responsável por si mesmo, alijando nele uma natureza humana, veda a existência de Deus para originar essa natureza, abolindo qualquer possibilidade metafísica do homem, que apenas pode escolher e realizar-se através de sua liberdade que proporciona suas escolhas. A inexistência de Deus no existencialismo torna o homem o único responsável por si próprio, torna-o solitário, condenado à sua liberdade.

Ao colocar o homem no centro da discussão o existencialismo afirma-se como ateu. Nas palavras de Sartre: “ O existencialismo ateu, que eu represento, é a mais coerente. Afirma que, se Deus existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem “ (MARQUES apud Sartre, 1987, p.6) . A angústia existencial nasce exatamente dessa desproporcional responsabilidade colocada no homem porque se encontra sempre solitário, tendo apenas a possibilidade de escolha e liberdade.

 O pensamento dramático de Sartre elegendo a angústia como móvel do homem reduz a o homem somente à Terra, a sua vida física, sem abranger a realidade cósmica existente em torno e a partir do próprio homem. Nesse aspecto reside a oposição entre a concepção metafísica do ser defendida pelo existencialismo espírita e a filosofia existencialista de Sartre: a posição do homem no mundo e sua trajetória para além-morte.

 **2 ONTOLOGIA ESPÍRITA**

A questão do SER envolve toda a história da filosofia, iniciando com Pitágoras, atravessando a era Helenística, em que Plotino vai afirmar que o Ser é a “ alma viajora do infinito” (PIRES, 2005, p. 55), passando pela mística da Idade Média, chegando à modernidade onde o problema do conhecimento torna-se o centro da reflexão filosófica do sobre o ser. A filosofia espírita integra-se nessa tradição filosófica, esclarecendo o problema da fé e da razão, demonstrando o Ser como o centro do processo de conhecimento. Infelizmente, a filosofia espírita ainda não galgou o espaço que lhe pertence por pura prevenção de alguns.

Com Pitágoras vemos encontrar a primeira síntese em que a fé a razão encontram-se juntas, formando um par. Nele se fundem as concepções eleata (o ser como imóvel) e de Heráclito (o ser como movimento) porque considera o Um como imóvel, mas considerando que essa imobilidade pode sofrer abalos e agitar-se desencadeado o Um na Década, representado o Universo. Na filosofia Pitagórica, o Ser como movimento, é relacionado a toda a formação do Universo existente, de forma que:

‘O Número um é impar, mas tem em si mesmo o par. É o par-impar que encerra em si os contrários, mas não em contradição, e sim em harmonia . O primeiro e mais leve movimento produz o dois, e com este número temos o primeiro desenvolvimento geométrico: surge a linha. Juntamente com a linha temos o par, e com ele o princípio da sabedoria, que permanecia e continuará imutável na unidade, se desdobra em opinião, em começo da Ciência. A seguir temos o número três , e como ele a superfície, o espaço físico, o triângulo, a figura perfeita, que apresenta um começo, um meio e um fim; o número quatro, número dos números, que gera o quadrado, cria o sólido e os seres individuais, represente a alma e seu aparato sensorial; o número cinco, primeira junção do par e do ímpar, forma de luz e da união dos sexos; o número seis, primeiro produto da multiplicação do ímpar pelo par ( 2x3), correspondente aos corpos vivos, e cujo cubo (216), chamado psigônico, é o que gera a alma; o número sete, da razão, que não fator nem produto na Década; o número oito, primeiro cubo, número da amizade; o número nove, quadrado do primeiro ímpar, última unidade, correspondente à Medicina. Finda a séries das unidades, temos a Década, o Número do Universo, o número dez, que é a definição e determinação de tudo, e sem o qual nada pode existir.” ( PIRES, 2005, p. 36)

A partir do pensamento pitagórico, o Ser teológico da mística se transforma no Ser racional da filosofia, multiplicando-se numa infinidade de seres porquanto em sendo infinitos os números, representam eles, a natureza infinita do Universo. A congruência do pensamento pitagórico do ser com a ontologia espírita ajusta-se num todo harmônico, senão vejamos. No item 35 de *O Livro dos Espíritos* essa questão é colocada da seguinte forma: “ O espaço universal é infinito ou limitado? Infinito. Supõe-no limitado; que haveria além? Isto te confunde a razão, bem eu sei, e, todavia, tua razão diz que não pode ser de outro modo. Ele é como o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequenina esfera que podereis compreendê-lo.” ( KARDEC, 2009, p. 43) . O espaço universal é infinito como infinito o são os números que representam a natureza, também infinita do Ser, porquanto a essência precede a existência. O Ser é infinito, não acaba com a morte, cujo evento apenas atualiza a natureza infinita do próprio Ser.

O problema do Ser na tradição filosófica é recorrente: percebida sob a perspectiva da unicidade e da imobilidade projetando-se para o infinito, correspondendo ao Um ao Múltiplo. Na filosofia espírita esse problema se aclara com a *revelação* e a *cogitação*. A primeira é de ordem divina; a segunda é produto do trabalho intelectual humano. Os Espíritosrevelaram a existência do Ser pela comunicação mediúnica, provando-a pela fenomenologia mediúnica enquanto que a sua confirmação se deu através da cogitação humana, pelas pesquisas a que se entregaram as mentes humanas pelo trabalho puramente intelectual.

Kardec não repetiu o *cogito* de Descartes, apenas acrescentou um novo verbo ao pensar, a presença de Deus no homem para assentar a seguinte argumentação: sinto Deus em mim, logo existo. Essa posição de Kardec mostra-nos que o sentimento da existência de Deus não é produto de um ensino e sim produto da afetividade, se origina no plano dos sentimentos. Não fosse assim essa ideia de Deus não estaria presente nos selvagens e somente a encontraríamos nos povos civilizados que receberam o ensino. O homem primeiramente sente que Deus existe, para somente depois pensar nessa possibilidade. É o que se depreende do capítulo 1º de *O Livro dos Espíritos*, onde o problema é visto assim: “ O sentimento intuitivo da existência de Deus que trazemos em nós seria efeito da educação e o produto de ideias adquiridas?” A resposta dos espíritos é essa “ Se assim fosse porque os vossos selvagens teriam também esse sentimento? (KARDEC, 2009, p.36)

Cada criatura humana é um ser espiritual e também um ser físico. O estudo e a investigação da natureza espiritual do Ser foi objeto de estudos: no campo científico, por Charles Richet, autor que cunhou o termo *Metapsíquica* Alexander Alsakof, conselheiro do czar da Rússia, Schiaparelli, diretor do observatório de Milão, bem como pelo Sir William Crookes, Membro da Sociedade Real em 1863, tendo recebido, no ano de 1875, a Royal Gold Medal por suas pesquisadas nas áreas da física e da química, sendo responsável pela descoberta de um novo elemento químico a que chamou de “Thallium” , sendo nomeado Cavaleiro da Rainha Vitória condecorado com a ordem do mérito em 1910. No campo da mediunidade, durante dos 1870 a 1874 fotografou 42 (quarenta e duas) vezes o espírito de nome Katie King, pela mediunidade de Florence Cook. É de se anotar que Crookes iniciou suas pesquisas com a intenção de desmascarar aquilo que imagina ser uma fraude: a materialização de espíritos. Nesse sentido Luiz Gonzaga Pinheiro escreve “ Todavia, apesar de desconfiado, Crookes buscava realmente a verdade, admitindo que era dever dos cientistas fazer a necessária investigação” (PINHEIRO, 2007, p.91).

No campo da filosofia, Ermacora, doutor em Filosofia Natural e Charles Du Prel, de Munique, doutor em Filosofia comungam com as impressões de Crookes, ambos tendo participado das experiências no campo da mediunidade. Com isso a filosofia espírita faz a ligação entre o pensamento filosófico e a investigação científica, aliás, sua principal característica. E este propósito percebe-se que o Ser, na filosofia espírita é definido como *aquilo que é*, em plena concordância com o pensamento da filosofia tradicional, divergindo apenas quanto ao seu término que na filosofia espírita está para além *daquilo que é* , ou seja, da morte do Ser físico.

Para uma exata dimensão da perplexidade a que foi lançado o cientista Willian Crookes, após realizar suas experiências de exteriorização da sensibilidade cujos resultados apontaram para a existência de uma outra dimensão do Ser, que não apenas a física, seu relatório para o Quartely Journal of Scienci, em janeiro de 1874, é bastante esclarecedor.

Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos meus enraizados pontos de credo científico – entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação- que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu Espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho dos meus sentidos da vista e do tato – testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes – que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas ideias preconcebidas. Supor que uma espécie de loucura ou de ilusão vem dominar subitamente um grupo de pessoas inteligentes e sensatas, que estão de acordo sobre as menores particularidades e detalhes dos fatos de que são testemunhas, parece-me mais incrível do que os próprios fatos que eles atestam. O assunto é muito mais difícil e mais vasto do que parece. Há cerca de 4 anos tive a intenção de consagrar um ou dois meses somente ao trabalho de certificar-me se certos fatos maravilhosos.....” (PINHEIRO, 2007, p.93).

Da afirmação contida na filosofia espírita quanto a existência de Deus decorre duas realidades, a primeira, a realidade de Deus como *Ser* e também a *existência* de Deus. Como Ser Deus é essência, como existência se realiza no plano fenomênico. Aqui reside o aspecto existencial da filosofia espírita, cuja concepção é diversa das teorias existenciais, notadamente o existencialismo ateu de Sartre.

A ontologia espírita também apresenta os problemas de essência e existência. A posição espírita nos revela a síntese da construção conceitual vigente quando assevera que os seres têm essência e esta é desenvolvida através da evolução. Portanto essência e forma constituem a existência porque tudo que existe se constitui de uma essência que para existir necessita de uma forma revestida de matéria, ou seja, a forma é como o ser se apresenta no mundo fenomênico – visível. Espírito e matéria são as faixas do real, sendo a essência a realidade última ,mas, somente conseguimos atingi-la através da existência, por isso o espiritismo apresenta uma visão dialética das coisas e dos seres porquanto a realidade aparente é ilusória, mas necessária para atingirmos a realidade verdadeira, ou a essência. Como essa essência é a mesma em todos os seres, a comunicabilidade dos espíritos é uma lei universal, vigente em ambos as esferas do existir, quais sejam, o físico e o não físico ou espiritual.

###  2.1 EXISTENCIALISMO ESPÍRITA

Como vimos a filosofia espírita enfrenta o problema do homem na existência, em sua posição dentro do mundo, o que o difere do *Existencialismo****.*** Por outro lado encontramos uma fase do Existencialismo na filosofia espírita o que se denomina *existencialismo espírita.* Aqui o espiritismo se defronta com o Existencialismo de Kierkegaard e de Sartre

Temos assim os três grandes grupos do existencialismo, ou seja, de um Ser na Existência. O primeiro da *impossibilidade do possível,* o segundo da *necessidade do possível* e o terceiro *da possibilidade do possível* esse último como o qual o existencialismo espírita mais se aproxima. A posição de Sartre encontra-se na impossibilidade do possível, a de Kardec, na possibilidade do possível.

Para Sartre as possibilidades humanas são irrealizáveis face ao aplauso de seu pensamento ao NADA, porquanto o Ser é apenas escolha e liberdade que ao fim e a cabo encontram a morte, ou seja, as possibilidades humanas são irrealizáveis sob uma perspectiva de transcendência, negada em Sartre; para a segunda as possibilidade humanas permanecem sempre possíveis por carregam em si mesmas, de maneira que não podem se tornar impossíveis. Para uma melhor compreensão é como uma hipótese científica que mesmo frustrada em sua tentativa de validade permanece valida porque poderá ser comprova posteriormente, ou seja, a possibilidade é intrínseca em si mesma. Aqui o próprio Ser carrega as possibilidades, porque o Ser é uma essência que se projeta na existência, enquanto em Sartre as possibilidades são destacadas do Ser, tanto que para existir ele primeira nega a si mesmo, porquanto a existência precede a essência.

Até o surgimento do Espiritismo o pensamento espiritualista era Platônico porque admitia a realidade metafísica a partir da realidade física. Com o Espiritismo a posição de Aristóteles ganha vida para buscar na realidade vivida a essência e daí partir para especulações metafísicas, ou seja, o caminho a ser percorrido agora é o oposto do até então trilhado alhures. Isso fica bastante evidente na questão inicial de *O Livro dos Espíritos* onde há a afirmação da existência de Deus, conquanto entenda-se que sua comprovação somente pode realizar-se ao lançarmos nosso olhar para o mundo, para a realidade vivida, para a natureza. No item 4 de sua obra acima citada Kardec assevera existência de Deus pela simples observação do plano fenomênico ou existencial “ Para crer em Deus é suficiente lançar os olhos às obras da Criação. O universo existe; tem, portanto, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem um causa e afiançar que o nada pode fazer alguma coisa”. (KARDEC, 2009, p. 35)

Como se percebe, em Kardec o problema de existir perpassa a simples existência física no mundo, como postula o existencialismo, para abarcar, além do existir no plano fenomênico, o existir na interexistência, ou seja, continuar existindo após deixar de ser apenas uma instância ontológica, o *em si* que apenas ocupa um lugar no mundo físico. Isso se ocorre porque no existencialismo espírita o ser se projeta para se realizar não somente com sua liberdade e escolha, mas para além disso, com a ideia da existência em outra dimensão existencial após ter realizado suas escolhas e exercer sua liberdade enquanto ser físico, em decorrência da existência de uma inteligência superior (Deus) que Aristóteles denominava Primeiro Motor.

Para existir o Ser não tem necessidade de negar-se a si próprio, porquanto no existencialismo espírita não há em momento algum da trajetória do ser entre o berço e túmulo a necessidade de negar-se a si mesmo porque Ele faz parte do uma existência maior de um existir conjunto entre si mesmo e algo que está fora de si mesmo, uma inteligência reguladora do universo em que ele próprio transita em sua trajetória, não mais do berço ao túmulo, mas nas infinitas interexistências a que é lançada no momento em que passa a existir.

Não há, como no existencialismo, a unicidade do *em si com o para si*, aqui, o corpo não é um ser apartado da sua consciência corpo e consciência para o existencialismo espírita são partes de um mesmo Ser, constituído de matéria (em si) e espírito ( para si), necessários para que o Ser tenha possibilidades de transitar em dimensões diversas utilizando-se de um e outro elemento constitutivo de ser próprio Ser, necessitar negar-se um ao outro porquanto ambos coexistem conjuntamente. O existencialismo espírita está assim para além das contingências apenas físicas do mundo por isso não cogita o NADA. Sempre vai existir algo na existência do Ser, independentemente da dimensão existencial em que ele transita, seja no plano fenomênico das formas, seja no plano da essência, o que Platão denominava mundo das ideias. Para o existencialismo espírita o Ser se realiza em ambas as dimensões existenciais.

Atravessando a *existência* , como um projétil (o pro-jeto existencial) o homem completa na morte não o ser próprio *Ser,* mas o ser do corpo que chegou aos limites de suas possibilidades, nem a sua própria essência, mas apenas e essência de uma *existência*, através da vivência das experiências necessárias ao seu *atualizar* progressivo” ( PIRES, 2005, p. 77).

 **3 CONCLUSÃO**

 O problema da Filosofia da Existência de Sartre é precisamente o problema espiritual do homem: “ o homem é um ser atirado no mundo com o nascimento,pra avançar em direção à morte, através do desespero, da angústia, da dor ” (PIRES, 2005, p. 74). Sartre busca a solução para a problemática humana nos dados do fenômeno de existir, afastando toda a possibilidade da Metafísica, acarretando, como consequência, a própria fragilidade humana. Já a filosofia espírita da existência trilha outro caminho para tentar explicar a existência humana. Começa pela concepção dualista do homem como sendo constituído de corpo-alma, distintos, dotados de afetividade e também de liberdade, o que Sartre não aventouporque apenas cogitou da liberdade humana.

Para o existencialismo o *em si* e o *para si* não pertencem a mesma unidade existencial porque para um existir tem que necessariamente negar o outro, diversamente, a filosofia espírita compreende o Ser como sendo constituído do *em si* e do *para si* , para usarmos as expressões do existencialismo, dando unicidade a ambos, ou seja, como elementos constitutivos de um único ser, que coexistem conjuntamente sem negar-se um ao outro. Fica evidente aqui a diferença entre concepção de ser do existencialismo – uma instância ontológica – para a filosofia espírita – uma instância existencial.

O homem é dotado de inúmeras possibilidades, além da liberdade, que irão se desenvolver durante sua existência. No existencialismo espírita, essa ideia que de o homem é uma flecha lançada no mundo para atingir a morte, sem essência, dotado apenas da possibilidade de escolha e liberdade, não tem guarida. Escapa também da compreensão do Ser no existencialismo espírita a concepção de que o que homem faz na sua existência é que constitui sua essência, de forma que cada ser tem uma essência diversa, sempre dependente daquilo que está fora de si próprio, daquilo que positivamente ele realiza enquanto está no mundo.

Desse modo a filosofia Sartreana avança paralelamente ao existencialismo espírita até determinado momento do existir e depois pára, por não conseguir decifrar logicamente o evento de desaparecimento do ser físico diante do mundo pela impossibilidade de cogitação de um mundo para além da existência física do Ser, em razão de que para Ele existir é necessário que negue a si próprio, indo ao encontro da Nada após a morte, apenas concretizando sua existência enquanto ser físico sujeito a escolha e liberdade. A filosofia espírita da existência não se limita ao existir no mundo como entendeu Sartre, mas sim descobre através da fenomenologia o existir no intermúndio, o mundo intermediário em que ser estagia a cada evento morte de seu corpo físico, mantendo intacto o ser intelectual ou não físico, apenas desconstituído quando a forma, mas não quanto a essência e existência.

Como luz a clarear a escuridão a filosofia espírita da existência, revela elementos racionais para o ser após o evento morte. Atravessando e existência como um projétil o homem completa na morte o ser físico que chegou aos limites de suas possibilidades, sem que isso acarreta da morte do ser espiritual, atualizando-o a cada novo existir do corpo físico, mantendo intacta sua própria essência, que sempre está se atualizando, agora sim, através de suas escolhas e liberdade – livre arbítrio, em várias novas possibilidades.

Por isso para a filosofia espírita o corpo, *em si* para Sartre não é uma instância ontológica – o ser não desaparece com o desaparecimento do corpo – e sim uma instância existencial – serve de possibilidades para a essência ir atualizando-se através de vários renascimentos. Da existência material o ser passa para a existência espiritual, mudando apenas a instância existencial, mantendo intacto o SER, a essência, por isso para a filosofia espírita, a essência precede a existência.

Desse modo a existência espiritual é uma transcendência da existência material, é o momento em que ocorre a síntese do *em si* e do *para si*, que Sartre considera impossível de ocorrer. O interexistente não é uma intuição como alguns apressadamente o compreendem, nem um hipótese, ao contrário disso é uma realidade histórica, acompanhando o homem desde sempre.

E como se dá essa comunicação entre o interexistente e o existente, entre o *em si* e o *para si*? Entre os existentes - instância existencial dotada de corpo e espírito essa comunicação se dá pelo pensamento. Já entre os interexistentes – instância existencial dotada apenas de espírito- se dá no plano fenomenológico demoninado mediunidade de amplitude cósmica, em posição totalmente antagônica ao existencialismo de Kierkegaard, que somente validava a comunicação com Deus, a que denominava de Outro.

Aqui reside a contribuição do existencialismo espírita para os problemas hodiernos do homem. Ao contrário do existencialismo ateu de Sartre o existencialismo espírita implica num problema de comportamento do homem diante do mundo, em termos de moralidade. Cada existência e um processo condicionado pelas anteriores. Somente pela elevação moral do SER, no desenvolvimento de suas potencialidades há o acesso ao aguçamento espiritual e a felicidade.

Enquanto Sartre remete o homem para uma angústia sem fim o existencialismo espírita segue em frente demonstrando que o processo de comunicabilidade entre os interexistentes do plano físico e não físico, proporciona uma espécie de esperança para o *em si* enquanto prepara o caminho para o encontro do *para si* hipótese não admitida pelo ateísmo Sartreano.

Assim a filosofia espírita da existência revela-se como um processo de conhecimento, contrária ao hedonismo existencialista de Sartre, numa posição de respeito pela existência e sua finalidade, cujo mote essencial é proporcionar ao homem um enriquecimento de seus valores diante de si próprio e do mundo, colocando uma luz no fim do túnel daquilo que denominamos existência.

Como postula a recente física quântica acerca dos espaços vazios, asseverando que eles inexistem, são em realidade, preenchidos por outra forma de energia, imperceptível, o existencialismo espírita empresta contornos idênticos ao Ser, asseverando que inexiste o NADA, para além da morte do corpo físico, ao revés, o Ser continua sua trajetória após a morte do corpo físico (*em si)* pulsando num universo imerso em perspectivas, sem a ideia de um imenso vazio, de que Ser sai do Nada indo para o Nada, como o compreende o existencialismo ateu de Sartre.

**REFERÊNCIAS**

DENIS, Leon. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor.** RJ: Federação Espírita Brasileira, 2009.

MARQUES, Ilda Helena. **Sartre e o Existencialismo.** Revista Eletrônica *Print by FUNREI http:/www.funrei.br/revistas/filosofia* acesso em 20.04.2012.

MORAIVA, João Da. **O que é o existencialismo.**  11º Ed. SP: Brasiliense, 1982.

PINHEIRO, Luiz Gonzaga. **Mediunidade – Homens e fatos que fizeram história**. 1ª Ed.SP: EME, 2007.

PIRES, José Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita.** 4º Ed. SP: Paidéia, 2005.

PIRES, José Herculano. **Os Filósofos**. 3º Ed. SP: Paidéia, 2005.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** 182º Ed. SP: IDE, 2009.

KARDEC, Allan. **A Gênese.** 52º Ed. SP: IDE, 2008.